

SINDICALISMO REFORMISTA OU SINDICALISMO PROGRESSISTA

Paraquê os princípios do M.A.?

Para que o movimento associativo seja uma força que sirva verdadeiramente os interesses do Povo Português é-lhe indispensável que: 1º-seja um forte movimento de massas; e 2º-coloque as suas lutas dentro de uma perspectiva de Servir o Povo. Assim é indispensável que asseguremos que as lutas reivindicativas dos estudantes sejam dirigidas dentro de uma perspectiva de unidade conquistada na luta, constituindo um sindicalismo único e enquadrado por uma única organização. Para isso é necessário que lutemos intransigentemente contra qualquer teoria divisionista que ao invés de querer subtrair o movimento sindical à influência reformista, o coloca ao seu inteiro sabor, refugiando-se em teorias oportunistas e fáceis de que o sindicalismo e as organizações de estudantes são reformistas e irreformáveis e por conseguinte o que há a fazer é construir outras absolutamente novas. Para que o movimento sindical ou associativo dos estudantes portugueses não perca nunca a sua base de massas é necessário que defendamos amplamente a participação das amplas massas em todas as discussões e decisões. É necessário que a posição manifestada pela maioria seja levada à prática pela submissão da minoria.

É necessário que trabalhemos arduamente para que cada vez sejam em maior número os estudantes que se interessam pela discussão de todos os problemas e pela participação activa em todos os acontecimentos da vida associativa ou qualquer outro aspecto da vida nacional. Para que o movimento associativo não perca nunca a sua base de massas é necessário que todas as suas estruturas tenham um elevado grau de representatividade, não só porque elas foram democraticamente eleitas, mas porque na sua eleição participou a maioria dos estudantes, porque após a sua eleição eles sejam controlados a par e passo pela base, porque todos os seus elementos constituintes possam ser revogados sempre que tal se ache necessário.

Para que o movimento sindical ou associativo nunca perca a sua base de massas, é necessário que este não se encontre enfeudado necessariamente a nenhuma corrente partidária e que as suas estruturas e organização sindical não seja parte integrante nem do aparelho de Estado, nem de qualquer partido político. O movimento sindical engloba nas suas fileiras todos os elementos sem-partido que, dadas as condições concretas de cada momento, se unem pela conquista dos mesmos objectivos.

Para que o movimento sindical ou associativo dos estudantes portugueses não perca nunca, pois, a sua base de massas, é necessário que defendamos intransigentemente a aplicação dos princípios do M.A.

Como os reformistas se utilizam dos princípios do m.a. para os seus fins burocráticos e cupulistas

No entanto, para a direcção geral da A.A.C., assim como para todos os reformistas, os princípios do M.A. não servem para chamar as largas massas de estudantes à luta contra o ensino burguês. Eles são utilizados para subtrair às massas a sua possibilidade de participação activa no movimento, para melhor as manter no seu conformismo e passividade, e até, segundo as últimas teorias, para transformar o M.A. num movimento de colaboração com a burguesia na sua reestruturação do ensino capitalista.

Assim, para a D.G. da A.A.C. e para todos os reformistas, a unicidade do m.a. não é um meio para evitar a divisão da força do movimento na conquista dos seus objectivos, mas como um meio de sapat a luta de tendências, reflexo da luta de classes entre proletários e burgueses. Dizer que só deve existir uma organização, um só movimento e uma só direcção no movimento sindical não quer dizer obedecer cegamente às direcções reformistas. Quer antes dizer que dentro deste contexto, e não



fora dele, que as discussões sobre a condução do movimento se devem processar, que é desta luta que vencerão, tarde ou cedo, as posições justas e serão desalojados dos seus "postos" todos os reformistas. Segundo os reformistas unicidade significa que só se pode criticar a D.G. de não ter cumprido o seu programa eleito, caso contrário é divisionismo. A unicidade é entendida, pois, como um meio de abafar a discussão política, de impedir que os estudantes possam controlar e dirigir o seu próprio movimento associativo. E isto apoiando-se constantemente na deturpação dos outros princípios do m.a., como por exemplo o da representatividade.

O conceito de representatividade é um subterfúgio para "à pala" de terem sido eleitos, ser intocável o seu programa e lhes dar "poderes para, sem consultar os estudantes, por eles decidir" (caso flagrante disto é a eleição dos vice-reitores). A democraticidade é uma palavra ôca pois a participação dos estudantes é completamente amputada, porque nada se faz para dinamizar e possibilitar a sua real participação (desprezo absoluto pelo trabalho nos cursos e respectiva organização dos estudantes na base).

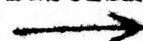
Eis em suma para que servem os princípios do m.a. para a D.G. da A.A.C. e todos os reformistas — controle burocrático e cupulista do movimento associativo para melhor traírem os interesses do povo nas escolas. Paralelamente a isto vejamos qual tem sido a política da D.G. dentro da A.A.C.

A D.G. competiria dinamizar um intenso trabalho político dentro da A.A.C., tornando as suas secções e organismos autónomos em algo de efectivamente útil para a educação de todos os estudantes numa política verdadeiramente popular. Contrariamente a isto a D.G. deixa que a maioria das secções e organismos autónomos sejam absolutamente inúteis dada a sua inactividade de trabalho político de massas. Mesmo quando algumas secções ou organismos autónomos pela vontade dos seus próprios sócios e porque se subtraem à influência reformista de espírito burocrático e cupulista de trabalho se propõem a fazer um trabalho de divulgação de posições progressistas, o que encontram pela frente? Um sem número de dificuldades económicas. O controle sobre as secções não se faz apenas sob a forma ideológica. Quando secções há em que o controle ideológico seria por demais flagrante, há uma 2ª via mais subtil — a falta de dinheiro. Se nos lembrarmos de que o fascismo as secções e organismos de todo o seu recheio, depa-ram-se-nos como absolutamente ridículas as verbas cedidas às secções, uma vez que não têm sequer direito à utilização do papel e serviços técnicos "à borla" dentro da AAC. A consequência disto é evidente: por mais boa-vontade que haja, não se podem fazer milagres, e as iniciativas de trabalho vão tendo que ser sucessivamente cortadas pelos próprios sócios das secções e organismos autónomos.

Na vida interna da AAC é notória a tentativa da D.G. de sapa- par a discussão política, de transformar tudo aquilo que poderiam ser tentáculos importantes na participação dos estudantes na compreensão e adopção da política do proletariado, em órgãos mortos. Exemplo flagrante disto é também o Gil Vicente. O Gil Vicente deve ser uma sala de intensa divulgação das posições progressistas, deve ser um palco vivo entre as posições do proletariado e da burguesia, de discussão de todos os problemas que Portugal e o mundo neste momento atravessam. Contrariamente a isto o que faz a D.G.? Transforma-o num reprodutor de filmes burgueses e para escapar em local de discussão dos problemas exclusivamente académicos ou levantados pelas estruturas associativas. O Gil Vicente não é uma estrutura sindical e como tal é querer deitar poeira nos olhos dos estudantes dizer que se tem de se submeter ao apartidarismo. E mais uma vez uma tentativa de sapa- par a discussão política.

Movimento associativo: — Movimento reivindicativo ou movimento de colaboração com o actual governo burguês

Após o 25 de Abril modificações houve em Portugal. O fascismo



cafu, iniciou-se um processo de descolónização, tomaram-se algumas medidas anti-monopolistas e anti-imperialistas. Mas quererá isto dizer que o capitalismo acabou em Portugal, que é o povo português que detém o poder? Parece-nos que não. Senão vejamos: todos os meios de produção continuam a pertencer a uma minoria privilegiada que continua a explorar a imensa maioria do povo português. As leis promulgadas pelo Governo Provisório não atacam o poder do Capital, e não raras vezes atacam o proletariado nos seus mais legítimos interesses (caso da lei anti-greve, etc.).

Nas escolas, a política aplicada pelo MEC nada tem de popular antes pelo contrário os vários comunicados, ofícios e declarações suas na da mais têm feito do que, objectivamente, negar as decisões democráticas dos estudantes, submetê-los a esquemas repressivos e selectivos que em alguns casos em nada ficam a dever ao anterior ministro, Veiga Simão. Com o 25 de Abril os problemas gerados pelo ensino da burguesia não acabaram. A luta pela conquista de um ensino verdadeiramente ao serviço do povo existe e existirá enquanto a burguesia continuar a sua dominação sobre o proletariado, e esta se fizer sentir nas escolas. Negar isto, negar o sindicalismo, é objectivamente, e no fundo, dizer o mesmo que os reformistas — que já não existem problemas gerados pela contradição do ensino da burguesia.

Os reformistas, partindo de uma análise errada da situação política portuguesa, e do papel do ensino presentemente em Portugal, negam o carácter reivindicativo do movimento associativo, transformando-o num movimento de colaboração com o actual Governo Burguês.

Nos últimos dias têm surgido várias posições quanto ao movimento sindical dos estudantes e às várias tarefas que se põem aos estudantes progressistas. A diminuta discussão e informação que nos possibilitava o fascismo, não chegou para que maioria de nós pudesse ter ideias claras sobre este assunto. As 2 últimas Assembleias Magnas comprovaram-nos a necessidade de continuarmos, intensificando agora, o aclaramento e exposição de posições verdadeiramente justas e progressistas neste campo, para que, de uma forma consciente, sejam cada vez em maior número aqueles que servem o Povo nas suas lutas nas escolas. Neste momento importantes resoluções os estudantes de Coimbra têm de tomar para que levantemos um forte movimento sindical ao serviço do povo.

Neste sentido, e porque os problemas a tratar na A.M. são importantíssimos para todos os estudantes de Coimbra, convocamos desde já, todos os estudantes para a ASSEMBLEIA MAGNA de 5ª feira, e denunciemos o facto de só agora se Haver convocado a continuação das discussões encetadas.

Não deixemos que os "dirigentes", a quem não interessa a discussão colectiva dos problemas, nos desmobilizem, para impedir essa mesma discussão.

POR UM MOVIMENTO SINDICAL DE MASSAS!

CONTRA O REFORMISMO E O OPORTUNISMO!

-TODOS À ASSEMBLEIA MAGNA, 5ª feira às 16 h.

Coimbra, 4/12/74

NÚCLEOS SINDICAIS DE COIMBRA